

## 6 A ESTILIZAÇÃO DO *ETHOS* E A GÊNESE DAS EMOÇÕES NO DISCURSO: O CASO DE HELENA MORLEY

Ivanete Bernardino Soares<sup>1</sup>

### RESUMO

O propósito deste artigo é expor as linhas mestras de uma pesquisa de doutorado em fase inicial de desenvolvimento. Partiremos de uma discussão teórica a respeito de *ethos*, estilo e *mímesis*, com o interesse maior de proceder a uma revisão das duas últimas noções, advindas respectivamente da estilística tradicional e da Teoria Estética, na tentativa de adequá-las e situá-las no interior dos pressupostos discursivos e, além disso, avaliar a pertinência de um quadro teórico em que se possa conjugar essas categorias entre si e ainda articulá-las com o estudo da emergência das emoções no discurso, linha de pesquisa relativamente recente na Análise do Discurso (LIMA, 2006, 2007). Com a intenção de aproximar teoria e análise, procederemos também ao estudo de um diário, escrito entre 1893 a 1895 por Alice Dayrell Caldeira Brant. Em função de sua composição discursiva, que alia a natureza autobiográfica ao registro social e cultural da época, o diário apresenta características privilegiadas em função de nossos interesses. Embora nosso ponto de partida teórico seja o da Análise do Discurso de tradição francesa, buscaremos instrução também em outros campos do conhecimento como a Estilística, a Teoria Estética e a da Psicologia Social, devido à natureza híbrida de nossos objetivos.

**Palavras-chave:** *Ethos* discursivo, emoções no discurso, estilo, *mímesis*, análise do discurso.

### 1 QUESTÕES INICIAIS

As linhas gerais da hipótese de trabalho apresentada aqui surgiram durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado intitulada *A dimensão discursiva e estratégica das crônicas da série Bons Dias!, de Machado de Assis*, mais especificamente no capítulo em que tratávamos das estratégias discursivas do

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG. A pesquisa teve início em março de 2009 sob a orientação do prof. Dr. Renato de Mello, com o auxílio de bolsa da Capes, sendo concluída em junho de 2010. E-mail: [ivanete1@yahoo.com.br](mailto:ivanete1@yahoo.com.br)

narrador das crônicas. Percebemos que, no *corpus* analisado, a configuração discursiva do *ethos* do cronista variava muito, inclusive em uma mesma crônica, não sendo possível fixar traços constantes de sua identidade e, muito menos, equiparar a entidade do “cronista” à instância real de produção do discurso, nesse caso, ao próprio escritor Machado de Assis. Além disso, a mudança de *ethos* era denunciada por uma mudança de estilo verbal significativa, às vezes em um mesmo parágrafo. Uma concepção de *ethos* como essa que se desenha nas crônicas machadianas, isto é, equivalente a uma identidade volátil e multifacetada revelada em um único e curto fragmento de fala<sup>2</sup> não se coaduna com a dupla acepção filosófica do termo. Para essa perspectiva, o sentido integral de *ethos* articula fundamentalmente duas acepções: por um lado, a ideia de “morada” humana, isto é, o espaço “no qual irão inscrever-se os costumes, os hábitos, as normas e os interditos, os valores e as ações” (LIMA VAZ, 1993, p. 13) e, por outro, refere-se ao comportamento individual, mas denotando uma constância no agir, uma disposição permanente para determinadas atitudes (*Idem*, p. 14). Segundo esse ponto de vista, a noção de *ethos* não parece se relacionar diretamente com as *estratégias* conscientes de apresentação de si.

Mesmo sob o ponto de vista da Análise do Discurso<sup>3</sup>, segundo o qual se pode sustentar a ideia de inconstância do *ethos* em função dos propósitos comunicativos, a consideração por uma volubilidade inerente à sua constituição deve ser feita com cautela. Acreditamos que, por mais que o *ethos* possa funcionar como uma estratégia persuasiva e, por isso, mudar de um enunciado a outro, alguns de seus traços são constantes, caracterizando a posição hierárquica assumida pelo sujeito no jogo social e na dinâmica das relações de poder.

No caso das crônicas, a pesquisa anterior nos levou a possíveis explicações para esse tipo de aparição do *ethos*, na medida em que nos voltamos

---

<sup>2</sup> Utilizamos-nos do termo “fala” no sentido saussureano, segundo o qual, a fala constituiria na atualização particular efetuada pelos sujeitos falantes do sistema da Língua. Para ele, a fala se constitui de: “a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações”. (SAUSSURE, 1973, p. 28)

<sup>3</sup> Trata-se aqui da filiação francesa da Análise do Discurso, em cuja matriz de elaboração figuram nomes como os de Louis Althusser, Michel Pêcheux e Michel Foucault e que, atualmente, após diversas alterações em seus pressupostos iniciais, é representada por estudiosos como Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau.

para o regime interno próprio do gênero discursivo em que os *ethè* estavam sendo gerados e para seu caráter discursivo. Acreditamos que, por ser permeável aos recursos narrativos e estéticos, uma mesma crônica machadiana podia se valer de uma sequência de *ethè*, capazes de representar a dinâmica social que o cronista intencionava transplantar para o texto. A descaracterização do *ethos* presente em algumas peças possuía, dessa forma, uma justificativa funcional e atendia às possibilidades estéticas permitidas pelo gênero. Uma de nossas hipóteses é de que esse procedimento esteja associado a uma das dimensões da noção de *mímesis*, tal como formulada na Teoria Estética. Entendemos que essa noção possa ser empregada também nos discursos ordinários, isto é, naqueles que não apresentam intenção de arte, como é o caso do diário de Alice Dayrell Caldeira Brant, que pretendemos analisar nesta pesquisa.

Seguindo esse raciocínio, e do ponto de vista da materialidade discursiva, outra de nossas hipóteses atuais é a de que o *ethos* funciona como um *elemento de estilo* inserido na economia formal do gênero discursivo, exercendo a mediação entre o referente externo e sua reconstrução discursiva, por meio de uma *mímesis* própria de cada lugar social. Bakhtin (1997a), por exemplo, utiliza-se frequentemente da noção de estilo, tanto para tratar dos textos literários, quanto da totalidade de gêneros discursivos existentes na sociedade, considerando-o, inclusive, como um de seus elementos distintivos mais relevantes. No entanto, o estudioso apresenta uma concepção de estilo mais voltada para a materialidade linguística do que para a integralidade discursiva, quando afirma que o estilo deve ser entendido como uma seleção particular operada pelo sujeito nos recursos da língua, isto é, recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais textualmente presentes (BAKHTIN, 1997a, p. 279).

Outra preocupação da pesquisa que propomos é a de investigar o processo discursivo de produção das emoções no e pelo discurso. Notamos, dentre outras observações, que a relação estabelecida entre o estudo das emoções no discurso e a estilística tornou-se tênue em função dos pressupostos divergentes entre o estudo imanente do texto (estilística tradicional) e a inserção das condições de produção como constituintes dos efeitos de sentido emotivos (teorias da enunciação). Assim, buscaremos nos informar em teorias de outros campos do

conhecimento que tratam de maneira sistemática da expressão das emoções – como a antropologia, a psicologia e a sociologia –, com o intuito de testar a validade de uma reaproximação, desta vez harmônica e produtiva, entre as noções de estilo e emoção.

Acreditando no fato de que as noções com as quais se pretende trabalhar aqui – *ethos*, estilo, *mímesis*, além da questão das emoções no discurso – não sejam meramente complementares, mas essencialmente autoconstitutivas e geradoras de um dispositivo híbrido, propomo-nos a realizar um estudo a respeito da gênese desses conceitos na Análise do Discurso. Embora seja um trabalho que privilegie a discussão teórica, pretendemos contrapor, de maneira articulada, como se disse anteriormente, teoria e análise discursiva, por meio da observação dos elementos discursivos que pretendemos estudar, presentes em um diário, escrito entre os anos de 1893 e 1895, sob o pseudônimo de Helena Morley, que veio a ser publicado em 1943 pela própria autora, com o título de “Minha vida de menina”<sup>4</sup>.

Nessa pesquisa, então, pretendemos desenvolver as problemáticas surgidas no trabalho anterior e aquelas que se agregaram às primeiras, buscando alcançar um número maior de facetas que a questão oferece, como por exemplo: a) em que sentido o estilo verbal pode ser um elemento mimético de transposição de um posicionamento social em discurso?; b) os sujeitos são condicionados a utilizarem-se de discursos estilizados pelo grupo social a que pertencem, reproduzindo, com isso, um *ethos* mais ou menos estabilizado para seu grupo?; c) em que medida as marcas de estilo que compõem um *ethos* particular podem ser responsáveis pela produção de estereótipos sociais?; d) quais as interferências efetivas do gênero discursivo na composição do *ethos* do sujeito enunciador e na expressividade das emoções?; e) como as noções de *ethos* e *mímesis* podem contribuir, efetivamente, para a identificação dos efeitos de sentido provocados pelas emoções no discurso?; f) Como as noções selecionadas constituem a materialidade discursiva do diário de Helena Morley?; g) quais as implicações do estilo e do gênero discursivo “diário” na construção do *ethos* de Helena Morley e de que maneira funcionam como índice de representatividade de sua classe social?

---

<sup>4</sup> MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Sabemos que o desenvolvimento produtivo das ciências humanas depende, em grande medida, da autoavaliação e da atenção sempre constante aos procedimentos analíticos e às bases teóricas que as fundamentam. Essa afirmação se torna ainda mais pertinente, quando se trata de disciplinas ainda jovens no campo do conhecimento, como é o caso da Análise do Discurso, cujas raízes francesas datam dos anos 1950 e 1960. Com o avanço dos estudos enunciativos das últimas décadas, novas possibilidades metodológicas têm se apresentado, ampliando o tratamento da complexidade discursiva em sua dimensão social, individual e ética. Nesse contexto, a problemática do sujeito se sobressai de maneira significativa, já que – a partir da concepção de sujeito como uma entidade constituída na interação social – pensar o sujeito equivale a pensar a dinâmica coletiva. Seguindo essa linha de raciocínio, acreditamos que, da mesma forma, entre os dispositivos discursivos do *ethos*, do estilo e das emoções haja uma relação de homologia formal e funcional que não pode ser desconsiderada. Partindo da concepção de discurso como um mecanismo complexo e dinâmico, buscaremos destacar as relações constitutivas existentes entre essas categorias e as noções de gênero discursivo, representação social, estereótipos e outras, igualmente caras à abordagem discursiva. Além disso, esse trabalho busca se constituir como uma tentativa de ampliação das possibilidades metodológicas da Análise do Discurso, no que diz respeito ao estudo da patemização da linguagem, a partir das noções de estilo e *mímesis*; o que, conseqüentemente, trará questões relacionadas ao sistema de representação social, normas e valores que condicionam o comportamento em sociedade, estereótipos capazes de estabelecer relações de poder assimétricas e outras questões de interesse para esse campo de pesquisa.

No âmbito da análise, a escolha do objeto de pesquisa se justifica por diversas razões. A primeira delas trata da própria aparição desse discurso, que foi produzido efetivamente por uma adolescente nos anos de 1890 em Diamantina e retrata de maneira despretensiosa a sociedade mineira interiorana em funcionamento. Como Helena Morley situava-se em uma classe social intermediária ou “remediada”, como se dizia, é possível identificar, por meio da análise de suas anotações, a visão que tinha tanto da classe baixa, composta por muitos escravos “novatos”, quanto da classe alta, representada por sua avó e alguns tios.

Nesse ponto de vista, o diário se apresenta como um mosaico – em discurso ordinário e isento de pretensões artísticas – da estrutura social da época, espaço privilegiado para o estudo do *ethos*, da maneira como se pretende aqui.

A segunda justificativa da escolha do objeto de análise está mais voltada para a configuração formal do discurso autobiográfico. Consideramos o discurso autobiográfico como um ambiente de análise promissor em função de um de nossos interesses em investigar a interferência do gênero discursivo na conformação do caráter expresso, isto é, do *ethos* discursivo e, também, nos procedimentos linguageiros acionados na expressão das emoções. Ainda pela mesma razão, entendemos que o estudo do estilo poderá ser mais produtivo em um texto em que sua aparição seja menos previsível ou lapidada por interesses estéticos, como seria o caso de um texto literário, propagandístico ou de natureza essencialmente pública, como textos de divulgação do conhecimento, de crenças religiosas, de assuntos políticos, de notícias jornalísticas etc. Outra razão que justifica a escolha é o fato de que, embora tornado público já em 1943, e de lá para cá ter sido objeto de inúmeras reedições, o diário possui uma bibliografia crítica pequena e nenhuma pertencente ao campo dos estudos discursivos.

Nosso estudo será desenvolvido a partir da perspectiva sustentada pela Análise do Discurso a respeito, principalmente, da construção discursiva da identidade (*ethos* discursivo) e da expressão das emoções. No entanto, embora a teoria e o método da Análise do Discurso sejam a orientação predominante de nosso trabalho, e em cujos paradigmas epistemológicos nos apoiaremos, também nos instruiremos por reflexões advindas de outras áreas do conhecimento como a Estilística, a Teoria Estética, a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia social, por exemplo, em razão da dimensão multifacetada das questões abordadas, e também em função de um dos nossos objetivos principais, que se refere à tentativa de articular as noções de estilo e *mimesis* ao quadro teórico da Análise do Discurso.

No âmbito da Análise do Discurso, tomaremos como ponto de partida, principalmente, as propostas de formalização apresentadas por Dominique Maingueneau, como a concepção de gênero discursivo e sua operacionalização analítica por meio de categorizações precisas e sua percepção teórica da noção de *ethos*, relacionando-o intimamente com uma maneira de dizer e de se mover no

espaço social, proposição que acreditamos ter equivalências com a noção de estilo. Apesar dessa ênfase no método sugerido por Maingueneau, consideraremos também as demais bases teóricas dos postulados da Análise do Discurso e as orientações metodológicas oferecidas por outros estudiosos. Nesse sentido, com relação aos estudos discursivos a partir dos quais sustentaremos nossa pesquisa, podemos citar aqueles desenvolvidos por Bakhtin (1997a; 1997b; 1998), cuja maior contribuição teórica para a Análise do Discurso foi evidenciar a constituição polifônica, dialógica e heterogênea do discurso; Authier-Revuz (1990; 2004) que, no rastro de Bakhtin, propôs novas reflexões sobre o fenômeno da heterogeneidade enunciativa; Ducrot (1987), embora com restrições, com sua teoria polifônica e a reflexão sobre os desdobramentos do sujeito; Bronckart (2007) e Marcuschi (2008) que, dialogando com a linguística textual e discursiva, propõem métodos de investigação linguística dos gêneros textuais/discursivos; Adam (1997; 2006), especialmente por desenvolver um estudo dos gêneros articulado com a noção de estilo; Amossy (2005) e seus esforços para apreensão discursiva da noção de *ethos*, dentre outros que certamente nos acompanharão na trajetória proposta.

Com o fim de tornar um pouco mais clara a indicação das perspectivas teóricas e metodológicas a partir das quais nos situamos e das principais categorias de análise privilegiadas, apresentaremos uma breve revisão a respeito das noções de *ethos* e estilo (tópico 1.2.1), da problemática das emoções no discurso e da *mímesis* (tópico 1.2.2), além de uma breve apresentação do diário de Helena Morley (tópico 1.2.3) – objeto de análise deste trabalho – demarcando as linhas gerais, e iniciais, da pesquisa que pretendemos desenvolver.

Dessa forma, esse trabalho pretende contribuir com a ampliação do entendimento de questões teóricas e metodológicas pertencentes ao domínio da Análise do Discurso e, ainda, revelar uma das facetas da sociedade mineira do fim do século XIX – que vivia a transição do tipo de produção econômica, baseado no trabalho escravo – a partir da visão de uma adolescente pertencente a uma classe social intermediária entre pobres e ricos.

## 2 ETHOS DISCURSIVO E CORPORALIDADE: UMA QUESTÃO DE ESTILO?

O conceito de *ethos*, como sabemos, não se restringe apenas à imagem de si expressa no discurso – definição privilegiada na *Retórica*, de Aristóteles – mas também corresponde aos hábitos ou costumes dos sujeitos, acepção desenvolvida em outras obras de Aristóteles, como *Ética a Nicômaco* e *Política*. Para Eggs (2005), essas duas concepções são complementares, isto é, parte-se do princípio de que os hábitos de um sujeito devem ser mostrados por meio das escolhas linguísticas e estilísticas que constituirão o seu discurso. Nesse caso, entendendo-se que os hábitos e costumes são construídos coletivamente, entende-se igualmente que os discursos são fundados em saberes compartilhados e aceitos pela comunidade, refletindo a posição do falante no grupo (sua idade, hierarquia social etc.) e à expectativa do interlocutor (EGGS, 2005, p. 39). Logo, pode-se falar em *ethos* neutro e *ethos* estratégico, isto é, o primeiro, que é internalizado socialmente por meio dos costumes, e o segundo, manipulado conscientemente com a intenção de melhor persuadir o interlocutor.

Partindo da concepção “encarnada” de *ethos*, Maingueneau (2005) propõe uma série de categorias com o fim de orientar de maneira mais segura a apreensão analítica do *ethos* discursivo. Ele sugere a ampliação do conceito, antes restrito aos textos orais, para qualquer tipo de texto, já que, em todos, a instância subjetiva se constitui por meio de uma “voz” e de um “corpo” marcado pelos traços históricos do mundo vivido. Assim, o interlocutor ou leitor perceberá a identidade do sujeito que enuncia incorporada por uma representação coletiva estereotípica, baseando-se em diversos índices gerados na enunciação, podendo corresponder ou não ao *ethos* efetivamente pretendido pelo enunciador. Nesse sentido, esta entidade construída discursivamente pelo sujeito corresponderia ao “fiador” da enunciação, isto é, a entidade responsável pelo ato enunciativo, independente de seus atributos reais enquanto falante empírico. A partir daí, Maingueneau (2008) estabelece a noção de “tom” para se referir às maneiras de dizer, que resultariam em maneiras de ser. A partir dessa relação de causalidade entre a maneira de dizer e a maneira de ser, proposta por Maingueneau, acreditamos que a caracterização analítica das noções de “tom”, “corporalidade” e

“voz” podem ser ampliadas se articuladas com procedimentos utilizados pela estilística da enunciação para apreensão da expressividade. Fenômenos discursivos como a natureza dos verbos de elocução, a combinação de enunciados de locutores diferentes, a expressividade dos tipos de discurso etc. (MARTINS, 2008, p. 233-266), por exemplo, marcas do estilo enunciativo, podem ser relacionados às restrições e possibilidades oferecidas pelo gênero discursivo e à representação de uma atividade discursiva própria de um determinado tipo social.

Assim, poderíamos dizer que a “vocalidade” de um texto, por exemplo, está intimamente relacionada à tonicidade inerente a certas palavras, uma entonação particular da sequência linguística, que pode funcionar como o emblema de uma intenção ou sentimento daquele que a proferiu. Daí dizermos que o *ethos* pretendido nem sempre equivale ao *ethos* efetivo, isto é, uma inflexão linguística mal calculada pode produzir um efeito de sentido diverso daquele intencionado, pois a maneira de dizer é carregada de sentido tanto quanto o conteúdo propriamente desse dizer. Para Nilce Sant’Anna Martins:

(...) a matéria fônica desempenha uma função expressiva que se deve a particularidades da articulação dos fonemas, às suas qualidades de timbre, altura, duração, intensidade. Os sons da língua – como outros sons dos seres – podem provocar-nos uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir idéias, impressões. O modo como o locutor profere as palavras da língua pode também denunciar estados de espírito ou traços de sua personalidade (MARTINS, 2008, p. 45)

Da mesma forma, considerando ainda o texto escrito, a “corporalidade” do sujeito que enuncia pode se manifestar ao leitor por meio das construções sintáticas mais recorrentes. Embora parta de uma orientação normativa, Garcia (2007, p. 124-46) analisa os possíveis efeitos de sentido produzidos pela estruturação sintática dos enunciados, observando, por exemplo, que uma construção em que há paralelismo de funções entre orações justapostas, o fenômeno da parataxe, pode indicar um enunciador de pouca idade, imaturo ou inculto. Neste caso, a maneira de dizer é um indício linguístico e discursivo da caracterização do corpo e do caráter do enunciador. A percepção simultânea do corpo e voz do sujeito atribuiria ao seu discurso um tom particular que, segundo

Maingueneau, equivale a um dos elementos responsáveis pela constituição de seu *ethos*.

De acordo com esse raciocínio, podemos afirmar que o *ethos* funcionaria como um elemento de estilo, constituinte da economia interna do discurso e dependente de sua configuração enunciativa global. Igualmente, as estratégias argumentativas acionadas pelo enunciador, encarnado como está por um *ethos* específico, compõem as engrenagens discursivas responsáveis pelo efeito de sentido produzido, mimetizando comportamentos sociais e disposições psicológicas. Acreditamos que a identificação dos traços do estilo verbal utilizados pelos sujeitos são indiciadores da dicção específica de um comportamento social. Assim como a noção de *ethos* discursivo não faz referência ao caráter real do sujeito empírico, mas à construção discursiva passível de ser percebida por um interlocutor, a noção de estilo a qual estamos nos referindo aqui não coincide com a perspectiva subjetivista da estilística tradicional, segundo a qual o estilo é o espelho fiel da alma, responsável pela materialização de uma qualidade superior de pensamento, como defende alguns estudiosos do estilo, como Léo Spitzer, Karl Vossler e Georges-Louis Leclerc. Para essa perspectiva, estritamente voltada para a arte literária, o material verbal interessa mais como fonte de indícios dos traços psicológicos concretos do escritor, do que pelo aspecto estético e discursivo da obra. Para Kayser (1970, p. 127), a crença de que “o estilo é o homem” (desgastada frase proferida por Buffon) é ingênua e simplista, já que desconsidera as determinações do estilo de época, as restrições formais do gênero a que está vinculado, as diferenças na estrutura das línguas, as interferências contextuais e históricas etc. O estudioso alemão afirma ainda que o conceito heurístico do estilo pessoal apresenta como principais defeitos a suposição de que seja possível apreender toda a personalidade do escritor por meio de uma análise estilística profunda e a suposição de que esta individualidade do poeta corresponderia à fonte única de criação artística (KAYSER, 1970, p. 134). Assim, nossa perspectiva coincide com a de Kayser (1970) e também com a de Norma Discini (2004) quando afirmam que não só os textos literários têm estilo, mas um teorema matemático, um artigo de jornal, histórias em quadrinhos e textos midiáticos também podem ser considerados pela dimensão estilística (KAYSER, 1970, p. 138-139; DISCINI, 2004).

Para Kayser, a investigação do estilo visa elucidar o funcionamento do meio linguístico da expressão de uma atitude do sujeito. O termo “expressão” está sendo entendido aqui como uma “determinação geral da obra por algo de interior, a identidade do externo e do interno, da forma e do conteúdo” (KAYSER, 1970, p. 139). Essa perspectiva não difere muito daquela assumida por Maingueneau (2001a) com relação à articulação entre externo e interno na configuração da cena enunciativa de um texto, cujo acionamento de uma cenografia pelo autor não deve se limitar a um simples procedimento de escritura, mas deve se submeter a uma dupla injunção: ela deve ser “a medida do ‘conteúdo’ do enunciado que torna possível: nada de cenografia profética, se o texto não oferece um quadro impressionante do justo perseguido”. Além disso, a cenografia “deve estar em contato direto e ativo com a configuração histórica em que aparece” (MAINGUENEAU, 2001a, p. 135). Assim, o texto articula um conteúdo a uma forma de dizer por ele exigida. É nessa mesma linha, embora levando em consideração somente as produções artísticas, que se desenvolve a reflexão de Georg Wilhelm Friederich Hegel. Em seu *Cursos de Estética* (2001), Hegel define o estilo como um “modo de exposição que igualmente segue as condições de seu material, ao corresponder completamente às exigências de determinados gêneros artísticos e às leis decorrentes do conceito da coisa” (HEGEL, 2001, p. 294). Essa acepção de estilo concorda com uma noção cara aos estudos das artes em geral e que consideramos pertinente aos estudos discursivos e, inclusive, para a apreensão das emoções no discurso: a noção de *mimesis* que será comentada adiante.

Além desse percurso, a pesquisa a respeito do estilo será pautada inicialmente no campo da estilística tradicional, a partir dos estudos de Bally (1965), Dámaso Alonso (1952) e Amado Alonso (1965), Cressot (1980), Enkvist (1974) e no domínio da língua portuguesa, Lapa (1991), Monteiro (1991) e Mattoso Câmara (1978), dentre outros, além de alguns estudos recentes e baseados em abordagens mais discursivas como os de Martins (2008), Discini (2004), Possenti (2008) e Fiorin (2008).

### 3 A EXPRESSÃO DAS EMOÇÕES: MÍMESIS NA ARTE E NA VIDA

Apesar de apresentar um histórico de mais de dois mil anos (considerando-se aqui apenas o mundo ocidental), a discussão acerca do papel das emoções no comportamento humano é motivo ainda de muita dissidência no âmbito de diversas áreas do conhecimento como a neurologia, a psicologia, a antropologia, as ciências sociais e, inclusive, as ciências da linguagem. Desconsiderando, a princípio, as nuances significativas existentes entre os diversos posicionamentos, podemos afirmar que esses se agrupam em dois grandes conjuntos que correspondem, de um lado, à perspectiva imanentista, segundo a qual as emoções seriam produtos da condição biológica do ser humano e, por outro lado, à perspectiva social, que postula uma concepção simbólica das emoções, percebidas como estados subjetivos, determinados pelas condições sociais e culturais.

Nesta pesquisa, nos filiamos à segunda perspectiva mencionada, por acreditarmos, em consonância com Le Breton (2009, p. 198), que a expressão das emoções está condicionada a fatores particulares a cada sujeito como, por exemplo, sua classe social, faixa etária, localização regional etc. Assim, partimos do pressuposto de que as emoções são “aprendidas” socialmente e refletem o repertório cultural que lhes deu origem<sup>5</sup>. De acordo com essa orientação, as emoções corresponderiam muito mais às interpretações dos sujeitos diante dos acontecimentos, que têm como balizas sua história de vida, seu conhecimento a respeito do fato, suas crenças, valores morais, posicionamento diante das normas sociais etc., do que às reações puramente fisiológicas e mesmo psicológicas diante dos eventos. Essa opção conceitual se coaduna com as proposições da Análise do Discurso – nosso lugar teórico de enunciação – já que, nesse caso, o elemento determinante das emoções são suas condições históricas de produção, o que as tornam singulares e transitórias, e cuja natureza se mostra, nesse caso, contrária a qualquer tentativa de universalização. Embora seja ainda um campo de investigação

---

<sup>5</sup> O interesse pela problemática da expressividade discursiva das emoções surgiu particularmente durante o desenvolvimento de uma disciplina oferecida pelo Poslin/UFMG e ministrada pela prof.<sup>a</sup> Dra. Helcira Maria Rodrigues Lima, no segundo semestre de 2010.

recente para a Análise do Discurso, o estudo das emoções se configura como um tema de grande interesse para o desenvolvimento integral de suas proposições teóricas e metodológicas, já que contempla uma dimensão constituinte de todo processo de interação social e se manifesta, primordialmente, por meio dos discursos produzidos.

Assim, podemos afirmar que no decorrer do processo de internalização de hábitos e costumes próprios a uma esfera social (*ethos* neutro), o sujeito internaliza, igualmente, determinados estados afetivos relacionados a acontecimentos particulares àquela esfera, produzindo, assim, uma espécie de ritual emocional comum à coletividade em questão. Dessa forma, a caracterização de determinado *ethos*, sobredetermina, em alguma medida, um conjunto específico de estados emotivos mais coerentes com a imagem de si particular.

Uma de nossas hipóteses de pesquisa é a de que esse processo de internalização das emoções pode ser concebido analiticamente a partir de uma concepção ampla da noção de *mímesis*. Embora presente em diversas obras de Aristóteles, como a *Física*, a *Poética*, a *Retórica* e a *Política*, e reportada, em sua origem, a áreas distintas do conhecimento, a noção de *mímesis* se desenvolveu quase exclusivamente no campo da Estética. Um dos objetivos deste trabalho é revisitar o conceito e avaliar sua viabilidade metodológica diante de discursos de domínios variados e não apenas do âmbito da arte, o que se coaduna com algumas dimensões da *mímesis* identificadas por Aristóteles. Para ele, “imitar é natural ao homem desde a infância – e nisso difere dos outros animais, em ser o mais capaz de imitar e de adquirir os primeiros conhecimentos por meio da imitação – e todos têm prazer em imitar” (ARISTÓTELES, 1992, p. 21-22). A citação do fragmento acima não significa, no entanto, que entendemos *mímesis* como “imitação”, na acepção que este termo adquiriu nos dias atuais, mas, com base em leituras preliminares sobre o assunto, compreendemos a *mímesis* mais como expressão e/ou representação autônomas do que como uma mera transposição de um dado da realidade em outro, de naturezas diferentes.

A fim de distanciar conceptualmente a ideia de *mímesis* e a de imitação, Luiz Costa Lima – crítico literário que escreveu diversas obras sobre o assunto – defende que “se trata de vê-la em sua face produtiva, i.e., de criação de um objeto

que não se *explica* por um similar dado na realidade, senão que produz algo antes não dado. (...) É àquela transformação interna que chamo *mimesis da produção*” (COSTA LIMA, 2000). Nossa hipótese é de que a “*mimesis de produção*” pode ser vista também como um dispositivo que gera as representações sociais, se entendemos o dado externo como a realidade material e a transformação interna como a adequação das diversas formações discursivas por meio de suas restrições semânticas particulares.

Buscando uma associação com a discussão constante na Análise do Discurso, em *O contexto da obra literária*, Maingueneau defende a ideia de que o *ethos* é inseparável de um código de linguagem próprio de um campo literário (2001a, p. 143). Como código de linguagem, o autor entende um “sistema de regras e de signos que permitem uma comunicação associada a um conjunto de prescrições”. Ainda segundo ele, “... por definição, o uso da língua que a obra implica se mostra como a maneira em que é *necessário* enunciar, pois é a única conforme ela instaura” (2001a, p. 104). Acreditamos que este código de linguagem mencionado pelo linguista se aproxima, em linhas bem gerais, da noção de *mimesis* da maneira como pretendemos abordar aqui, já que, para nós, é a linguagem mimética que faz a mediação entre o externo e o interno. Também é a partir de uma linguagem mimética que poderíamos expressar os sentimentos mais íntimos, pois

(...) a própria linguagem é algo duplo. Através de suas configurações ela se molda inteiramente às emoções subjetivas; um pouco mais, e se poderia chegar a pensar que somente ela as faz brotar e amadurecer. Mas ela continua a ser por outro lado (...) aquilo que restabelece a referência irrenunciável ao universo e à sociedade (ADORNO, 1983, p. 198).

Ampliando um pouco a proposição de Adorno, que se refere à expressividade lírica, entendemos que não só o discurso literário, mas todo tipo de discurso oferece seus códigos de linguagem particulares em função das necessidades de expressão e, conseqüentemente, contribuem para a constituição de um *ethos* característico e de uma maneira particular de expressão das emoções.

Em sua *História do rosto* (1994), Jean-Jacques Courtine analisa, dentre outras questões, a constituição histórica e cultural das formas de expressão das

emoções. Segundo ele, no século XVIII e XIX, por exemplo, a noção de civilidade estava intimamente relacionada a uma contenção e moderação constantes do sujeito, seja na aparência física ou nos modos de falar e se comportar em sociedade. Assim, a expressão de certos hábitos ou costumes e, igualmente, de estados emocionais, podiam (e ainda podem) indiciar a classe e o status social do indivíduo, levando a tratamentos interacionais diferenciados, inclusive como forma de manutenção do poder da classe social que, no momento, prescrevia as maneiras de se mover no espaço coletivo, ou, em outros termos, o *ethos* privilegiado socialmente. Para Le Breton,

A afetividade mistura-se a acontecimentos significativos da vida coletiva e pessoal, implicando um sistema de valores posto em prática pelo indivíduo e uma interpretação dos fatos conforme uma referência moral. [...] De certa maneira, a emoção é indicada pelo grupo, que dá certo grau de importância a alguns fatos. (LE BRETON, 2009, p. 118)

Assim, a emoção sentida é determinada, em boa medida, pela interpretação subjetiva, mas balizada pelas regras do grupo. Retomando aqui uma das dimensões do conceito de *ethos* em Eggs (2005), podemos afirmar que o comportamento emocional do sujeito se conforma com sua posição no âmbito da classe social a que pertence, atendendo às expectativas de seus interlocutores.

Sintetizando, e em consonância com Le Breton (2009, p. 112-113), a afetividade é “característica de certo ambiente humano e de determinado universo social de valores”. Em outros termos, a emoção sentida é diretamente condicionada pela conjuntura histórica que, em última instância, a produziu. Para o sociólogo, a emoção é uma “consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar.” (LE BRETON, 2009, p. 117). Nesse ponto, acreditamos que a afirmação vale também para a noção de *ethos* tal como foi exposta aqui, possibilitando a articulação entre as duas noções, já que a emoção é consequência de uma certa interpretação do sujeito, possível apenas em função de critérios particulares e pessoais, mas que foram construídos socialmente. Assim, tanto quanto o *ethos*, as emoções também podem ser vistas como resultado de um

aprendizado social, pautado pelas “regras” de interação de cada classe, em função de sua posição na hierarquia de poder instituída.

Além dos teóricos mencionados até aqui, nos instruiremos também nos estudos de Nussbaum (1995), Bourdieu (2001), Frijda (2003), Paperman (1995), além de Kerbrat-Orecchioni (1980) e Plantin (1997).

Considerando que estamos na “infância” dos estudos sobre as emoções na perspectiva discursiva, acreditamos que as reflexões que pretendemos desenvolver nesta pesquisa podem se constituir como um exercício especulativo de interesse para a Análise do Discurso. Ao articular o pensamento dos teóricos mencionados aqui, podemos estabelecer um diálogo necessário com estudos já constituídos em outras áreas como a antropologia, a filosofia, a psicologia e outros. A partir daí pode-se buscar a constituição de um aparato teórico consistente e em conformidade com os princípios gerais da Análise do Discurso.

#### **4 MINHA VIDA DE MENINA: A SOCIEDADE MINEIRA PELA ÓTICA DE HELENA MORLEY**

Escrito entre os anos de 1893 e 1895, o diário de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, é um retrato da vida cotidiana na província mineira de Diamantina. Além das confissões íntimas esperadas em um diário, encontramos o registro de todo um cortejo de tipos humanos, representativos daquela época de transição econômica e política: fim da escravidão e início da República. As anotações de Helena foram permeáveis ao funcionamento social que a circundava, sobretudo em função da posição que ocupava nessa engrenagem humana. Para Eulálio (1998, p. 10), Helena ocupava um ponto de observação privilegiado, pois estava a meio caminho entre a classe baixa e a classe mais abastada. Ela fazia parte do ramo pobre de uma família tradicional da região e pôde como ninguém retratar as contradições sociais estabelecidas. Além disso, o diário documenta costumes, festas religiosas, superstições e as relações de sociabilidade entre os diversos degraus da hierarquia social. Por tudo isso, o diário apresenta uma rede de sentidos complexa e interrelacionada, capaz de recriar discursivamente suas condições de produção, mantendo o frescor e a dicção da

época em que foi escrito. Para Schwarz (1997, p. 47), “a beleza do livro, bem superior à empostação colegial dos assuntos, por engraçada que esta seja, deve-se à eficácia irrefletida e disciplinadora, coesiva a seu modo, de uma sociedade em funcionamento”. A relação com a recente classe dos escravos libertos, por exemplo, perpassa todo o diário, demonstrando o estranhamento dos brancos para com eles, como se pode ver no segmento seguinte:

Meu pai e mamãe sempre conversaram em casa sobre a mania de vovó e Dindinha nunca passarem sem um crioulinho para criar e gostarem tanto como se fosse branco. Cada uma tem sempre o seu. Se aquele cresce já vem outro para o lugar. Vovó sempre cria negrinhas e Dindinha negrinhos. Quando são pequenos eu não me admiro, porque eu também gosto muito de menino pequeno e acho muita graça no Joaquim que Dindinha está criando agora. Ela o manda fazer gracinhas para nós e ele é muito engraçadinho. Mas gostar de negrão é que eu acho uma coisa esquisita. (MORLEY, [1943] 1998, p. 179)

O diário foi tornado público em 1943, pela própria autora, e foi muito bem recebido pelo público dos anos 1950 e 1960, tendo várias reedições e reimpressões, sendo, inclusive, considerado como literatura por alguns críticos literários, como Roberto Schwarz, mencionado anteriormente.

Nosso interesse pelo livro se conjuga com objetivos mais específicos propostos por esta pesquisa: pretendemos identificar e analisar o *ethos* da menina Helena Morley, a partir dos pressupostos desenvolvidos no trabalho; avaliar as possíveis interferências do gênero diário na identificação desse *ethos*; interpretar as marcas de estilo responsáveis, de acordo com nossas hipóteses, pela constituição de um corpo e de uma voz para Helena e também pelos efeitos de sentido emotivos presentes; além da estrutura mimética de representação social, subjacente ao plano narrativo.

Já no prefácio de 1959, Alexandre Eulálio ressalta a pertinência de um estudo estilístico da obra ao afirmar que “a enorme significação desse texto a que o domínio íntimo e sem recalque da língua dá uma substância – uma forma – especial ainda há de fornecer matéria para um dos mais interessantes estudos de afetividade estilística do português do Brasil” (EULÁLIO, 1998, p. 8). Sem pretender ser “esse” estudo referido, nos dispomos a oferecer, no entanto, possibilidades de análise

estilística sob a perspectiva discursiva, a partir do livro que, nas palavras de Eulálio, já “nasceu clássico”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo proposto por esta pesquisa permite tecer algumas considerações a respeito da abordagem teórica e metodológica utilizada pela Análise do Discurso de linha francesa diante de noções limítrofes entre campos de conhecimento como “emoções no discurso”, “*ethos*”, “estilo” e “*mímesis*”. Conforme mencionado, uma de nossas intenções é, por um lado, ampliar a instrumentalização da Análise do Discurso com a definição de elementos discursivos potencialmente carregados de sentidos sociais e culturais, contribuindo para o aprimoramento das análises e, por outro lado, engrossar a discussão teórica que fundamenta todo o trabalho do analista do discurso.

Cabe observar ainda que, por estar em fase de desenvolvimento, a pesquisa se define como uma projeção de possibilidades, desenhando minimamente horizontes e encruzilhadas que se espera poderem ser transpostos.

## ABSTRACT

The aim of this article is to outline the framework of a doctoral research in its initial stage of development. The proposal is to discuss theoretically the notions of *ethos*, style and *mímesis*, having in mind a double interest: first, to review the notions of style and *mímesis*, starting from how traditional stylistics and esthetics theory conceive them, in order to try to adequate and situate them within discourse assumptions; second, to evaluate the pertinence of a theoretical model that can associate these notions and also articulate them with other notions considered by Discourse Analysis, such as social representation and emotions in discourse. Since we intend to approximate theory and practice, we will in addition analyze a diary kept by Alice Dayrell Caldeira Brant between 1893 and 1895. As its composition combines an autobiographical nature and a social cultural register of the time, its characteristics fit particularly our interests. Although our theoretical starting point is Discourse Analysis one – specifically the methodological perspective from Maingueneau, we will try to rely also on other fields of knowledge, such as stylistics, esthetics theory and social psychology, due to the hybrid nature of our purposes.

**Keywords:** Discourse ethos, emotions in discourse, style, *mimesis*, discourse analysis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAM, Jean-Michel. *Le style dans la langue: une reconception de la stylistique*. Lausanne: Delachaux & Niestlé, 1997.
- ADAM, Jean-Michel. *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armada Colin, 2006.
- ADORNO, Theodor W. *Lírica e Sociedade*. In: *Textos escolhidos: Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas* [Col. Os pensadores]. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- ALONSO, Dámaso. *Poesia española. Ensayo de métodos y límites estilísticos*. Garcilano, Fray Luis, de Leon, San Juan de la Cruz. Madrid: Gredos, 1952.
- ALONSO, Amado. *Matéria y forma em poesia*. 3. ed. Madrid: Gredos, 1965.
- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à Análise do Discurso. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 9-28.
- ARISTÓTELES. *Poética*. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, n. 19, ORLANDI, Eni P.; GERALDI, João Wanderley (Orgs.). *O discurso e suas análises*. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 25-42.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997b.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- BALLY, Charles. *Le langage et la vie*. Genebra: Librairie Droz, 1965.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BRONCKART, Jean-Paul. 2 ed. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2007.

COURTINE, Jean-Jacques; HAROCHE, Claudine. 2ª parte da obra: *Histoire du visage. Exprimer et taire ses éémotions (XVI début XIX siècle)*. Paris: Payot & Rivages, 1994.

CRESSOT, Marcel. *O estilo e as suas técnicas*. Lisboa: Edições 70, 1980.

DISCINI, Norma. *O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.

EGGS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 29-56.

ENKVIST, Nils Erik. Para definir el estilo: ensayos de linguística aplicada. In: ENKVIST, Nils Erik; SPENCER, John; GREGORY, Michael. *Linguística y estilo*. Madrid: Cátedra, 1974, p. 17-74.

EULÁLIO, Alexandre. Livro que nasceu clássico (prefácio). In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 7-12.

FIORIN, José Luiz. Uma concepção discursiva de estilo. In: \_\_\_\_\_. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 93-111.

FRIJDA, Nico. Passions: l'émotion comme motivation. In: COLLETTA, Jean-Marc; TCHERKASSOF, Anna. *Les émotions. Cognition, langage et développement*. Paris: Margada, 2003. p. 15-32.

GARCIA, Othon Moacyr. Feição estilística da rase. In: \_\_\_\_\_. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar*. 26. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007, p. 123-146.

HEGEL, Georg W. F. *Cursos de estética I*. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2001.

LE BRETON, David. Antropologia das emoções I e II. In: \_\_\_\_\_. *As paixões ordinárias. Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009, p. 111-212.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KAYSER, Wolfgang. O estilo. In: \_\_\_\_\_. *Análise e interpretação da obra literária: introdução à ciência da literatura*. vol. II. 5. ed. Coimbra: Arménio Amado Editor, Sucessor, 1970.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Colin, 1980.

LAPA, Manuel R. *Estilística da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LIMA, Helcira Maria M. R. de. *Na tessitura do Processo Penal: a argumentação no Tribunal do Júri*. 2006. 260 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

LIMA, Helcira Maria R. de. Patemização: emoções e linguagem. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília. (orgs.). *As emoções no discurso*. v.1. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.140-149.

LIMA VAZ, Henrique C. de. Fenomenologia do *ethos*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos de Filosofia II: Ética e cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas, São Paulo: Pontes: Editora da UEC, 1997.

\_\_\_\_\_. *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001b.

\_\_\_\_\_. Diversidade dos gêneros do Discurso. In: MACHADO, Ida L. e MELLO, Renato. *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004, p. 43-57.

\_\_\_\_\_. *Ethos, cenografia, incorporação*. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005, p.69-92.

\_\_\_\_\_. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. (orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008a, p.12-29.

\_\_\_\_\_. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008c.

MARCUSCHI, Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTINS, Nilce S. *Introdução à estilística: a expressividade na língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

MATTOSO CÂMARA JR., Joaquim. *Contribuição à Estilística Portuguesa*. 3. ed. revista. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

MONTEIRO, José L. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.

NUSSBAUM, Marta. Les émotions comme jugement de valeur. In: PAPERMAN, Patricia; RUWEN, Ogien. (dir). *La couleur des pensées: sentiments, emotions, intentions*. Paris: Edition de l'École des hautes études en sciences sociales, 1995.

PAPERMAN, Patricia. L'absence d'émotion comme ofense. In: *La couleur des pensées*. Paris: EHESS, 1995, p. 175-196.

PLANTIN, Christian. *L'argumentation dans l'émotion*. Paris: Pratiques 96, 1997.

POSSENTI, Sírio. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

SCHWARZ, Roberto. Outra Capitu. In: \_\_\_\_\_. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 43-144.